

—Alvaro Marinha de Campos tem publicado em *O Diabo* excelentes artigos sobre literatura infantil. Aguardamos com vivo interesse o prosseguimento da sua salutar campanha.

—Com o objectivo de servir, à margem do mercantilismo dos editores, os autores e o público, Amorim de Carvalho e Fernando de Araújo Lima fundaram as «Edições Claridade». Baseando-se na solidariedade entre os autores e o público, esta nova editora procura resolver o problema editorial do país, dentro das suas possibilidades. Desejamos que a obra das «Edições Claridade» corresponda aos seus intuitos, orientada sempre pela preocupação de servir a cultura e o povo.

—Iniciando a sua actividade, as «Edições Claridade» publicaram o poema «Il Poverello», de Amorim de Carvalho.

—Na colecção *Cadernos Coloniais*—as «Edições Cosmos» publicaram: *Origens da Colónia de Cabo Verde*, por Simão Barros; *Infantaria 17 em África*, por João Francisco de Sousa; *S. João Baptista de Ajuda*, por Edmundo Correia Lopes e Viriato de Lacerda, por Manuel Ferreira.

—Vasco da Gama Fernandes é o autor do «caderno»: *Nova ciência de punir*—Editorial do Fôro, Limitada—Lisboa—1938.

—Recebemos *O Maior erro de todas as edições de Os Lusíadas*, de Henrique Manuel da Torre Negra—Lisboa—1938.

—As «Edições Cosmos» fizeram sair *Fernão de Albuquerque*, por José F. Ferreira Martins.

—Acaba de publicar-se um livro de Eduardo Soares—*Atletismo*—contendo um estudo sobre atletismo feminino. Domingos Barreira, editor—Pôrto.

—Em edição da Livraria Lopes da Silva, do Pôrto, vai sair o 1.º fascículo da 2.ª edição do *Dicionário Universal de Literatura*, de Henrique Perdigão, que compreende também os autores vivos.

—Vai publicar-se brevemente o livro de poemas de Fernando Namora—*Mar de Sargaços*.

—De Octávio de Marialva, recebemos a novela «O Testamento dum doido» e a conferência «O verdadeiro Colombo».

—A literatura desportiva continua a ser pobre entre nós.

—Exceptuamos apenas um ou outro caso de autores que tratam o desporto na sua realidade viva, em relação com todo o ambiente humano em que ele se desenvolve. Podemos citar os exemplos de alguns articulistas de *O Diabo* e da nossa revista.

Torna-se pois indispensável chamar a atenção de todos aqueles a quem o desporto racional interessa, para a insuficiência dos nossos escritos desportivos.

A maior parte desconcerta pela sua falta de esclarecimento e os estudos fecundos são ainda muitíssimo poucos.

—As boas publicações culturais devem ser lidas de forma a tirarmos delas ensinamentos.

Há noções que se fixam facilmente mas há outras que exigem esforço, estudo, amor aos problemas e suas soluções.

# crítica

## Progresso, história breve de uma ideia,

por MAGALHÃES  
VILHENA,

Coimbra, 1939.

O presente volume é uma dissertação de licenciatura em ciências históricas e filosóficas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O seu autor, já conhecido do público culto por uma interessante conferência da série das que acompanharam os concertos de D. Ema Romero da Câmara Reis, é um dos valores mais promissivos daquela geração que hoje conta entre os vinte e os trinta anos. Espírito metódico e sensato, documentando-se com incansável diligência e procurando manter-se a par do que de melhor se publica no estrangeiro, Magalhães Vilhena é um dos poucos que hoje em Portugal, à saída da Universidade, se encontram aptos a iniciar imediatamente estudos sérios sobre os problemas mais difíceis da sua especialidade. Não devo errar muito profetizando que dentro de alguns anos, mercê da sua lúcida inteligência e das suas raras qualidades de trabalho, Magalhães Vilhena se afirmará como um dos mais destacados promotores da reforma da nossa mentalidade e da nossa cultura.

*Progresso, história breve de uma ideia*, introduz entre nós uma nova maneira de fazer a história das ideias. Se outras razões não houvesse, esta bastaria para impôr o livro à nossa admiração. No primeiro capítulo, depois de afastar o método fenomenológico seguido por Garcia Morente, Magalhães Vilhena indica a orientação que seguiu, dizendo: «Aqui a preocupação é... esclarecer uma noção, banal porque tão usada e, por isso mesmo, porque abundante de significado, confusa e mal compreendida, verificando o sentido que o convívio dos homens lhe atribui, lhe tem atribuído no decorrer dos anos. Por isso às vezes se há-de escutar a voz dos filósofos, economistas e sociólogos. Mas, por isso também, e não menos vezes, será para a consciência que os homens comuns têm de si próprios e das suas relações, para a consciência que espontaneamente cria o seu destino, que as atenções se há-de voltar. Consciência privada, mas também consciência do *forum*» (pág. 45). Num outro passo da sua obra, escreve: «...só feita a *história*, a história das ideias se compreende» (pág. 70). Temos de reconhecer que Magalhães Vi-

lhena foi fiel ao seu programa: fez *história*, para tornar compreensível a história da ideia de progresso, porque fez preceder as páginas do seu livro consagradas às ideologias de outras páginas em que deu o ambiente histórico de cada época e pôs em evidência as forças sociais dominantes. Importa notar que o fez com grande mestria, própria de quem possui inteiramente um método de trabalho—o novo método das ciências históricas e sociais.

Magalhães Vilhena quis escrever uma «história breve» da ideia de progresso. Ora, um trabalho desta índole, segundo creio, exigia grande rigor de critério na importância a dar a uns pontos e a outros. As grandes sínteses, para serem valiosas, devem ter equilíbrio que se traduza em unidade. Teria Magalhães Vilhena conseguido vencer estes escolhos? Suponho que o não conseguiu completamente. Nota-se, aqui e além, que certas figuras e certos factos usurpam parcialmente o espaço que competia a outros factos e outras figuras.

Não sei se por preocupação literária, se por falta de tempo para fazer de outra maneira, Magalhães Vilhena deu ao seu trabalho uma sequência mais *literária* do que *histórica*. Com efeito, juxtappos uma série de quadros, interrompendo bruscamente a narração com sinais gráficos, e —o que é mais grave—sem respeitar por vezes a cronologia. Assim será talvez literariamente mais sugestivo; mas havemos de convir em que é pouco *histórico* discutir o problema de saber se a ideia de progresso é uma ideia moderna e falar a-propósito dos gregos e do cristianismo (pág. 124), depois de já se terem gasto 75 páginas traçando a evolução social e ideológica desde o século XI ao século XVI...

Depois, Magalhães Vilhena é por vezes pouco cuidadoso

na referência a certas ideias. Esquece-se de que está a fazer história e, como se escrevesse um prefácio ou uma conferência, limita-se a citar-lhes o nome ou a piscar o olho maliciosamente ao leitor. Exemplos: ao falar na ideia de *Bildung* (pág. 37), ao afloiar a questão dos antigos e modernos (pág. 140); etc.

Magalhães Vilhena devia também ter evitado as citações em língua estrangeira. Devemos habituar-nos, quanto antes, a dar ao leitor na nossa língua, ou pelo menos em tradução também, aquilo mesmo que nos pareça que perca com ser traduzido. Já é tempo de não humilharmos o leitor pouco versado em línguas, em homenagem a rigores eruditos.

O sucinto estudo que nas «Palavras finais» se faz do problema dos valores está muitíssimo bem ordenado, é muito lúcido e por vezes até brilhante. Parece-me, porém, haver nele uma insuficiência: Magalhães Vilhena restringiu a sua visão apenas às teorias *psicológicas* do valor, omitindo totalmente as teorias *ontológicas*. É pena também que a opinião de Magalhães Vilhena apareça um pouco diluída na trama da exposição, a ponto de com uma rigorosa análise do texto poderem imputar-se-lhe afirmações contraditórias. Com efeito, embora sustente com fundadas razões, através de felizes citações de Brentano, que os valores não têm autonomia ontológica, que não têm existência senão no sentido em que quaisquer ideias a têm, parece alguns aceitar a opinião contrária, ao falar da «série de esforços, *valiosa* e interessante, de ampliação do campo ontológico» (o sublinhado é meu). Em todo o caso, considero este capítulo da dissertação de uma grande importância, por fixar com rara precisão e nitidez a que se me afigura ser a melhor posição perante o problema dos valores.

Em conclusão: estamos em presença de um livro da maior utilidade para compreender o surgimento, apogeu e decadência de uma ideia que na sua forma acabada é a expressão ideológica fundamental da burguesia, e, a-parte as restrições feitas, estamos em presença de um livro valioso, que promete um bom investigador.

P. L.